

Programa experimental * 5 MAI 1991 JORNAL DO BRASIL uma educação a ciência

Crianças das favelas do Andaraí, Salgueiro e Jamelão, na Zona Norte do Rio, vão começar a se interessar por Matemática e Português mexendo com fios, tijolos e canos e trabalhando com instalações elétricas e hidráulicas. Esta é a expectativa do Projeto Servir, do Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) Celso Sucow da Fonseca, que pretende associar educação básica e tecnologia para estimular os alunos, com idade entre 13 e 16 anos.

Uma equipe formada por professores do Cefet e técnicos da extinta Fundação Educar preparou um curso com duração de sete meses, onde 80 alunos, selecionados pelas associações de moradores, terão desde aulas ligadas ao currículo escolar de 1º grau, até oficinas de teatro e tecnológicas, nas áreas de Eletrônica, Eletrotécnica e Edificações. Esse primeiro curso será o piloto de uma série, aumentando-se o número de alunos a cada ano. As aulas serão dadas nas salas e laboratórios do Cefet. E o programa inclui também visitas a canteiros de obras e às favelas onde moram os alunos.

Os selecionados, todos com repetência e evasão escolar em seu histórico, têm escolaridade entre as 1ª e 8ª séries. Doze deles ainda não estão alfabetizados. Em entrevista com a equipe de professores, a maioria revelou considerar a escola "chata". "Vamos tentar tornar as disciplinas escolares mais atraentes, através da educação tecnológica", explica Carlos Artexes Simões, professor de Eletrônica do Cefet e um dos organizadores do projeto. A ideia é fazer, por exemplo, o aluno se interessar por noções do sistema métrico, ao ter que calcular quantos metros de fio precisará para fazer uma instalação elétrica ou que medidas terá uma peça mecânica que montará, quando estiver nas aulas de laboratório. "Se não for assim, que estímulo um aluno em sala de aula tem para querer conhecer o sistema métrico?", indaga Artexes.

As aulas de disciplinas regulares como Português e Matemática, serão baseadas em debates sobre temas como o lugar onde moram os alunos, passando por análises sobre como as casas são construídas e quais as condições de habitação do lugar. "Paralelamente a esse debate, os alunos estarão nos laboratórios, construindo

uma parede, fazendo instalações hidráulicas, compreendendo aquilo que eles estão discutindo", explica Laura Fraguito, que já coordenou o Projeto Baixada, de alfabetização de adultos na Baixada Fluminense, pela extinta Fundação Educar.

O Projeto Servir recebeu Cr\$ 2 milhões do Programa Nacional de Educação e Cidadania do Ministério da Educação (MEC), dinheiro todo gasto com material para os laboratórios. Um novo pedido de verbas será feito ao MEC até o fim do mês. Além disso, o Cefet também está fornecendo recursos que se destinarão a pagar os instrutores — dezessete alunos dos cursos técnicos da escola, que receberão supervisão de seus professores.

As crianças estão animadas e seus pais mais ainda. "Ela vai se preparar para uma profissão e não vai ficar à-toa o resto do dia", avalia Elisabeth de Souza Rosa, 35 anos, moradora do Morro do Jamelão, empregada doméstica e mãe de Débora, de 14 anos. A única preocupação de Elisabeth é o dinheiro que gastará com as passagens de ônibus para a filha fazer o curso. "Vou fazer um sacrifício, mas vale a pena", diz. Ela ainda não sabe que os alunos terão uma carteira de estudante e usarão um jaleco como uniforme, podendo, assim, entrar nos ônibus pela porta da frente.

"Não gosto de Matemática, mas quero aprender Eletrônica. Pode ser que eu fique gostando da matéria", prevê Débora, que está na 5ª série e já repetiu o ano duas vezes. "Quero ver como é a eletrônica porque está ligada ao computador", explica a amiga e vizinha Patrícia Santos Machado, 15 anos, na 5ª série e também com duas repetências no histórico escolar.

Embora os alunos e seus pais tenham se atraído pelo projeto acreditando equivocadamente que o curso é profissionalizante, a equipe de professores considera, mesmo assim, o interesse válido. "É claro que a grande expectativa dessas pessoas é a aproximação com o mundo do trabalho e a possibilidade de aumentar a renda. Vamos aproveitar essa mobilização e a partir daí fazer o nosso trabalho que é o de dar-lhes uma formação mais global e despertar o interesse por aprender mais. Conseguimos atraí-los justamente porque esse não é um simples curso de alfabetização", diz Laura Fraguito.